

UMA BIBLIOTECÁRIA A SERVIÇO DA DOCUMENTAÇÃO

ALEXANDRE CARLOS GUGLIOTTA¹

RESUMO

O objetivo do presente artigo é avaliar, a partir da literatura produzida na área, a trajetória de Suzanne Briet. Defende que Suzanne Briet produziu ideias bastante originais e inovadoras em torno do documento, da profissão de bibliotecário e documentalista e da própria Documentação. Apresenta os momentos mais importantes da trajetória da bibliotecária francesa que ajudaram a moldar suas reflexões: as reformas modernizadoras sofridas pela Biblioteca Nacional da França, a viagem aos Estados Unidos e a publicação de seu principal trabalho que lhe conferiu notoriedade. Conclui demonstrando como as novas condições sociais e históricas em que viveu Suzanne Briet permitiram que a mesma repensasse as propostas de Paul Otlet para a Documentação acomodando-as às novas necessidades de um mundo mais dinâmico e complexo.

PALAVRAS-CHAVE: Suzanne Briet. Documentação. Paul Otlet. Biblioteconomia. Bibliotecas. Centros de documentação.

ABSTRACT

A LIBRARIAN IN THE SERVICE OF DOCUMENTATION

The purpose of this article is to evaluate, from the literature produced in the area, the trajectory of the French librarian Suzanne Briet. It argues that Suzanne Briet produced many original and innovative ideas on document study field and on librarian and documentalists professions. It presents the most important landmarks in the her professional history that helped to shape her reflections: the modernizing reforms of the French National Library, the trip to the United States and the publication of her major work which gave her notoriety. It concludes by demonstrating how new social and historical conditions in which she lived allowed her to rethink Paul Otlet's proposals for the documentation field accommodating them to the new needs of a more dynamic and complex world.

KEYWORDS: Suzanne Briet. Documentation. Paul Otlet. Librarianship. Libraries. Documentation centers.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Endereço eletrônico: alex.alexgugliotta@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O nome de Renée-Marie-Hélène-Suzanne Briet, ou simplesmente Suzanne Briet, tornou-se uma das maiores expressões dentro do movimento da Documentação que ganhou vulto durante o século XX. A bibliotecária francesa, que tanto se empenhou para dar credibilidade a essa nova área do conhecimento, mereceu a alcunha de “Madame Documentação” num testemunho memorável de que sua personalidade se mesclava com a própria arte da Documentação.

A Documentação, como uma nova área do conhecimento elaborada por Paul Otlet, ganhou novos contornos por meio da ação de Suzanne Briet. O texto mais conhecido da bibliotecária francesa – “O que é Documentação?” –, escrito no início da década de 1950, influenciou gerações de bibliotecários e documentalistas. Muitos profissionais da informação conservam em suas mentes as imagens do antílope africano como um convite a reverem suas concepções sobre o que seria um documento. O grande feito de Suzanne Briet foi ampliar ainda mais o conceito de documento anteriormente iniciado por Paul Otlet. A bibliotecária francesa demonstrava que quaisquer objetos, mesmos os seres vivos, possuem a possibilidade de se transformarem em documentos, pois carregam consigo o “status de evidência”, uma situação que se configura a *posteriori* e que se concretiza somente se os agentes que atuam num dado contexto assim o determinarem. (SALDANHA, 2012).

Resgatar a trajetória de vida daquela que fez tanto pela Documentação como pela Biblioteconomia é o objetivo deste texto. Embasados nos estudos de autores que reconheceram a importância de se pesquisar os passos da mais famosa documentalista do século XX, damos ênfase às condições históricas e sociais de sua trajetória que permitiram a Suzanne Briet ampliar a visão em torno da Documentação inaugurada com Paul Otlet.

2 OS PRIMEIROS ANOS

A autora norte-americana, Mary Niles Maack (2004), soube identificar as implicações profissionais de Suzanne Briet enquanto bibliotecária da *Bibliothèque Nationale de France* com a Documentação pensada por Paul Otlet. As várias

reformas sofridas pela Biblioteca Nacional da França entre as décadas de 1920 e 1940 foram importantes para influenciar Suzanne Briet, inserindo-a no mundo da Documentação. A identificação com a Documentação foi tão expressiva que, no início da década de 1950, Suzanne Briet foi capaz de produzir um texto que se tornou um clássico entre os documentalistas e os bibliotecários de diversas partes do mundo.

A trajetória profissional de Suzanne Briet dentro da Biblioteca Nacional da França demonstra que a bibliotecária francesa procurava integrar as inovadoras ideias da documentação às práticas da biblioteconomia em seu ambiente de trabalho. Atuando por trinta anos na famosa *Bibliothèque Nationale de France*, assim batizada desde 1871 sendo procedente da antiga *Bibliothèque de la Nation* dos revolucionários franceses contra o Antigo Regime, Suzanne Briet encontrou neste espaço físico o laboratório tanto para teorizar a Documentação como para colocar em prática suas ferramentas.

Embora Buckland (2005) afirme que Suzanne Briet nasceu em Paris, no mês de fevereiro de 1894, Maack (2004) demonstra que o mais provável é que seja originária de Ardennes, região fronteiriça entre a Bélgica e Luxemburgo. Entretanto, Suzanne Briet não viveu muito tempo em Ardennes, pois sua família transferiu-se para a capital da França, onde ela pôde se deparar com maiores oportunidades para se tornar a futura “Madame Documentação”.

Viver numa cidade cosmopolita como a Paris do início do século XX permitiu a Suzanne Briet ampliar suas escolhas no campo profissional. O magistério havia sido a primeira profissão de Suzanne Briet. Seus estudos na tradicional *Ecolè de Sèvres* lhe garantiram um diploma para lecionar com crianças e o aperfeiçoamento da língua inglesa. Em seguida, conseguiu se tornar licenciada no curso de História. Entre as décadas de 1910 e 1920, Suzanne Briet lecionou na França e na Argélia tendo como público os colegiais da escola primária e secundária. O interesse pela biblioteconomia, que geraria a notoriedade de Suzanne Briet, não era difícil de ocorrer, pois naquele momento ainda existia uma forte ligação entre a biblioteconomia e a erudição. Assim, foi graças à influência do historiador e bibliotecário da Sorbonne, Louis Barrau-Dihigo (1876-1931), que Suzanne Briet se sentiu atraída a frequentar os seus cursos sobre bibliografia oferecidos durante os

sábados (MAACK, 2004, p. 721) Devido aos novos conhecimentos adquiridos nos cursos de Barrau-Dihigo, Suzanne Briet, aos trinta anos de idade, em 1924, iniciava a sua carreira na prestigiosa Biblioteca Nacional da França.

Durante os aterradores anos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), enquanto os homens encontravam-se nas trincheiras, resignados a morrerem por suas pátrias, os mais diversos postos de trabalho passaram a ser ocupado pelas mulheres. O fim da Primeira Guerra, portanto, premeditava que a década seguinte seria de transformações em diversos campos e anunciava grandes mudanças em busca de reformulações políticas e culturais. Assim, a década de 1920 iniciara-se com uma nova configuração no mercado de trabalho: as mulheres europeias passaram a ter maior expressividade na execução de diversos ofícios. As bibliotecas francesas não ficaram à parte dessas transformações, pois uma maior presença de mulheres em suas fileiras de atividades passou a ser observada. Além disso, as bibliotecas francesas também passariam por uma nova reconfiguração, influenciadas por novos profissionais preocupados em pensar num papel mais dinâmico e moderno para esses espaços de saber e cultura. Nesses anos, a Documentação pensada por Paul Otlet ganhava mais terreno apresentando-se como um novo campo do conhecimento humano.

3 A SERVIÇO DA BIBLIOTECA NACIONAL DA FRANÇA

A Biblioteca Nacional da França passaria por uma série de reformas que a livrariam da antiga tradição elitista e a colocariam no exercício de um verdadeiro papel que cabe a uma biblioteca com pretensões nacionais. A Biblioteca Nacional da França, em 1924, mesmo ano de ingresso de Suzanne Briet como nova profissional dessa instituição, passava a ser administrada por Pierre-René Roland-Marcel (1883-1939) que prezava pela modernização. Roland-Marcel era um administrador conhecido no meio político, o que o tornava dono de um expressivo capital simbólico que representaria um portentoso instrumental a facilitar em muito o seu projeto de modernização da Biblioteca Nacional, uma vez que lhe garantiria os recursos necessários para a formidável empreitada. A favor de sua lógica modernizadora, Roland-Marcel buscava preencher os cargos da instituição com uma equipe que pensasse em ações mais dinâmicas para combater as ideias tradicionais que por

tantos anos modularam a mentalidade daquele organismo de saber e cultura. É interessante relatar que neste mesmo ano de ingresso de Roland-Marcel e Suzanne Briet na Biblioteca Nacional da França, a eletricidade, um dos símbolos maiores da modernização, era instalado nesta instituição (MAACK, 2004, p.721).

Suzanne Briet refletia exatamente o perfil dos novos profissionais buscados por Roland-Marcel. Afinal, ela havia conseguido o primeiro lugar no certificado de exame nacional para bibliotecários, falava inglês fluentemente, possuía grande erudição por conta de seu bacharelado em História e por ter sido altamente recomendada por seus professores. Uma vez trabalhando na Biblioteca Nacional, Suzanne Briet conseguiu conquistar o reconhecimento por parte de seus pares durante os anos iniciais de sua atuação como bibliotecária de prestigiosa instituição. Pouco mais de um ano depois de sua nomeação, Suzanne Briet contraiu matrimônio com Ferdinand Dupuy, professor de artes liberais. Não chegou a ter filhos, vindo a se divorciar após oito anos de casamento. Suas funções na Biblioteca Nacional da França acabaram por ocupar um grande espaço em sua vida.

De acordo com Buckland (1995), a Documentação, na França da década de 1920, ganhava cada vez mais espaço e adeptos entre todos aqueles que acreditavam que a Bibliografia não respondia aos novos anseios de um mundo em rápida metamorfose. Nesse contexto, Roland-Marcel, em 1926, empenhou-se para que fosse criado um centro de documentação responsável por duas funções primordiais: centralizar os pedidos por informação vindas da administração-geral da biblioteca e oferecer serviços de cópias, fotografias, traduções, resumos e bibliografias aos pesquisadores. Com essa atitude, demonstrava que a própria Biblioteca Nacional da França estava abrindo suas portas para que a Documentação entrasse e se fizesse anunciar como um novo marco capaz de abranger em si, além da própria Bibliografia, os serviços de informação acadêmica, os gerenciamentos de registros e o trabalho de arquivo.

Deste modo, em meio às suas atividades de bibliotecária em uma biblioteca nacional gerenciada por um idealista como era Roland-Marcel, Suzanne Briet começou a entrar em contato de uma forma mais efetiva com a Documentação pensada por Paul Otlet. A partir de 1928, Suzanne Briet foi escolhida para se tornar responsável pelas respostas que deveriam ser dadas aos pedidos de materiais

direcionados à Biblioteca Nacional da França. Ela seria o elo entre as solicitações feitas e o novo departamento de Documentação que deveria fornecer informações específicas para usuários de várias partes do mundo em busca de material para complementarem seus estudos e projetos de pesquisa.

A Liga das Nações, criada ao fim da Primeira Guerra Mundial com o propósito de promover o auxílio mútuo e a paz entre as nações que passaram a integrá-la, contava com um órgão que auxiliaria na missão de incentivar a cooperação intelectual entre os povos: a Organização Internacional de Cooperação Intelectual, que a partir de 1926 fundou o Instituto Internacional de Cooperação Intelectual. Cabia ao Instituto Internacional de Cooperação Intelectual renovar os laços existentes entre academias e intelectuais.

Maack (2004) defende que para realizar as suas novas funções no Departamento de Documentação da Biblioteca Nacional, Suzanne Briet foi diretamente influenciada pela reunião de bibliotecários patrocinada pelo Instituto Internacional de Cooperação Intelectual em 1927, ocorrida na cidade de Paris. De acordo com as recomendações desse encontro de bibliotecários, estabeleceu-se que cada biblioteca nacional deveria construir um centro nacional de informação adequadamente organizado com catálogos, fontes bibliográficas, bibliografias impressas e listas de coleções. Os centros nacionais de informação seriam os locais apropriados para os pesquisadores localizarem em qual biblioteca ou coleção especial se encontrava o material procurado. Além do mais, os centros deveriam estar em estreito contato um com os outros para que o material procurado pelos pesquisadores de diversos países fosse compartilhado e devidamente localizado.

No ano de 1931, emergiu a *Union Française des Organismes de Documentation* (UFOD), cuja fundação foi creditada a Jean Gérard e a Suzanne Briet. Sobre a UFOD, Buckland (2005) argumenta que foi inspirada numa associação de bibliotecas especializadas e centros de informação, a chamada *Association of Special Libraries and Information Bureaux* (ASLIB), fundada, em 1924, na Inglaterra. Suzanne Briet possuiu um papel ativo no crescimento da UFOD, entidade que atuou como um verdadeiro laboratório de pesquisa para a especificação de terminologias, normas e padrões da profissão, um verdadeiro local de cooperação e promoção de interesses comuns entre os centros de

documentação. Entre as responsabilidades assumidas com a UFDO, Suzanne Briet possuía a tarefa de realizar o levantamento dos números de centros de documentação existentes em toda a França. Ao fim de sua tarefa, ela havia identificado 73 centros de documentação (MAACK, 2004, p.734).

Obedecendo a necessidade de exercer com mais eficácia o serviço de Documentação na Biblioteca Nacional, Suzanne Briet teve a oportunidade de ser enviada para Berlim, em 1933, com o propósito de conhecer os serviços oferecidos pelo *Auskunftsbureau* na Biblioteca Estadual Prussiana. Ao retornar para Paris, Suzanne Briet havia ampliado a sua visão, se mostrando muito mais segura para gerenciar os serviços de documentação a benefício de pesquisadores franceses e estrangeiros. Como afirma Buckland (2005), as ações exercidas por Suzanne Briet na Biblioteca Nacional da França obrigatoriamente a ligavam ao conceito de modernização, pois foi a responsável por planejar, estabelecer e supervisionar a *Salle des Catalogues et Bibliographies*, entre os anos de 1934 e 1954. O interessante é notar que justamente no ano de 1934, quando Madame Briet estabelece *Salle des Catalogues et Bibliographies*, Paul Otlet publica *Traité de Documentation*. O ano de 1936, por seu turno, foi testemunha de mais uma novidade a favor da modernização da Biblioteca Nacional: os cartões utilizados nos catálogos passaram a obedecer ao formato internacional, o que permitiu a substituição de catálogos suplementares em volumes de folhas soltas, gerando uma considerável economia de espaço.

Em 1940, a capital da França, após um rápido avanço das tropas alemãs, sucumbira à ferocidade nazista. O chamado governo de Vichy, um governo francês aliado dos invasores nazistas, passou a ditar as diretrizes nos setores econômicos, políticos e sociais. A Biblioteca Nacional, nestes turbos anos, testemunhou a prisão do intelectual judeu Julien Cain (1887-1974) que desde 1930 havia se tornado o administrador geral da Biblioteca Nacional da França. Em substituição a Julien Cain, o novo governo aliado dos nazistas indicou o nome de Bernard Fay (1893-1978), um professor do *Collège de France*. Muito embora fosse um representante do governo Vichy, portanto, fiel partidário dos inimigos alemães, Bernard Fay não se mostrou desfavorável ao emergente trabalho de documentação iniciado na década anterior.

Pode-se dizer que durante esse período difícil Suzanne Briet continuou a realizar suas funções com esmero e dedicação.

Com o fim da guerra em 1945, Suzanne Briet foi convocada pela recém-fundada UNESCO para desenvolver um estudo sobre os danos sofridos pela Biblioteca Nacional da França durante os terríveis anos em que Paris viveu sufocada pelas ordens dos inimigos. Apesar de todos os horrores, do clima de ódio e de revanche instalado em torno dos perdedores alemães, Suzanne Briet precisou admitir que o *Bibliothekschutz*, ou seja, o serviço de proteção às bibliotecas que ela conheceu tão bem durante os anos que estudou em Berlim, de fato, protegeram não apenas a Biblioteca Nacional, mas também as demais bibliotecas situadas em Paris e em outras cidades da França contra qualquer abuso. Cabe ressaltar, durante a Segunda Guerra Mundial, Suzanne Briet foi convidada, junto com Jean Gérard e Bernard Fay, para participar de uma Conferência sobre Documentação organizada pelos documentalistas alemães na cidade de Salzburgo. Em relação a essa experiência, Suzanne Briet apontou o fato de os alemães terem conseguido adaptar para seu próprio uso vários métodos desenvolvidos pela UFOD.

4 VIAGEM AOS ESTADOS UNIDOS

A UNESCO também foi responsável por instigar Suzanne Briet a escrever sobre a educação profissional de bibliotecários e documentalistas, material que ficou pronto em 1950. Por conta de seu empenho, Suzanne Briet foi premiada com a Bolsa *Fulbright* para visitar os Estados Unidos, viagem que ela realizou entre outubro de 1951 e fevereiro de 1952, percorrendo as principais cidades deste país: *New York, Los Angeles, Boston e New Orleans*. Nos Estados Unidos, Suzanne Briet procurou estudar a educação profissional ofertada pelas escolas de biblioteconomia.

No geral, Suzanne Briet concluiu que os cursos para formação de bibliotecários nos Estados Unidos eram capazes de oferecerem uma instrução muito melhor do que aquela que vinha sendo ofertada na Europa. Entretanto, a francesa concluiu que essas mesmas escolas norte-americanas ainda não conseguiam formar bibliotecários para determinados serviços relacionados com a Documentação.

Se por um lado, havia por parte de Suzanne Briet a observação de que faltava uma atenção maior à Documentação, pelo outro, essa pequena falha podia ser compensada pelo fato da francesa ter se deixado encantar pelas disciplinas voltadas aos serviços de referência. As escolas de formação de bibliotecários nos Estados Unidos apresentavam ótimas disciplinas que envolviam a psicologia da leitura, as relações públicas, atendimento às crianças, enfim, uma série de disciplinas voltada para as necessidades dos usuários.

Além das aulas teóricas, Suzanne Briet fez questão de verificar pessoalmente como os serviços de referência eram ofertados pelas bibliotecas que ela teve o privilégio de visitar. Em especial, uma biblioteca mereceu todas as atenções de Suzanne Briet: a Biblioteca Pública de Cleveland. Situada na cidade de Cleveland, no Estado do Ohio e dirigida por Ruth Vormelker que também era a presidente da *Special Libraries Association*, a biblioteca atraiu tanto a atenção de Suzanne Briet pelo simples fato de haver desenvolvido um serviço de referência capaz de suprir com informações grupos ligados ao comércio e grupos envolvidos com a indústria por meio da coleta regular de notícias de jornais, de informações empresariais, de coleções de catálogos produzidos por fabricantes e de relatórios de empresas. Suzanne Briet entendia que uma biblioteca modelo era aquela que se preocupava mais o usuário do que com o uso das melhores tecnologias para recuperar a informação, por esses motivos a biblioteca de Cleveland se apresentava como o protótipo a ser alcançado (MAACK, 2004, p.736).

Buckland (2005) defende que Suzanne Briet foi capaz de ter percebido que as bibliotecas especializadas existentes nos Estados Unidos eram análogas ao movimento da documentação na Europa. Suzanne Briet soube compreender que o termo biblioteca especializada possuía uma conotação própria tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos. Contudo, essa conotação própria não seguia o neologismo "documentação", utilizado na Europa. Na verdade, Suzanne Briet acreditava que o uso do novo termo "documentação" representava um avanço teórico em relação ao termo "biblioteca especializada". Ou seja, adotar o termo "documentação" demonstrava uma complexidade teórica muito mais nítida.

De acordo com Buckland (2005), à época em que Suzanne Briet atravessava o Atlântico para compreender como se desenvolvia a Biblioteconomia nos Estados

Unidos, a *American Documentation Institute* começava a dar uma especial atenção às tecnologias, utilizando-as para a conservação de documentos por meio dos microfimes e para a recuperação dos documentos, sendo também, uma das poucas instituições norte-americanas a fazer distinção entre "*documentation* e "*special librarianship*".

Fora poucas exceções, o termo documentação era minimamente conhecido nos Estados Unidos, porém, as suas técnicas estavam sendo amplamente utilizadas nas bibliotecas especializadas. Técnicas que foram desenvolvidas, nos Estados Unidos, dentro do campo da Biblioteconomia. Por tal motivo, Suzanne Briet entendeu porque os norte-americanos não se preocupavam em utilizar o termo "centro de documentação", preferindo "biblioteca especializada". A francesa havia notado, portanto, que os Estados Unidos alcançaram um alto nível de experiência com as mais modernas técnicas da documentação europeia ao utilizarem-nas em suas bibliotecas especializadas. Graças à viagem que realizou aos Estados Unidos, Suzanne Briet pôde compreender que não existiam fronteiras bem delimitadas entre a documentação e a biblioteconomia (BRIET, 1953, apud BUCKLAND, 2005).

Algumas das reflexões de Suzanne Briet acerca de sua viagem aos Estados Unidos foram objetos de reflexão da bibliotecária em dois documentos: *Bibliothèques et centres de documentation technique aus Etats Unis: Notes d'un voyage de quatre mois (Octobre 1951 - Février 1952)*, publicado em 1953, e *La formation professionnelle des bibliothécaires aus États-Unis*, publicado em 1954. As comparações feitas por Suzanne Briet entre os Estados Unidos e a Europa levaram-na a concluir que os norte-americanos, por possuírem uma História mais recente, não precisavam se preocupar tanto com documentos e materiais mais antigos. Diferentemente dos europeus, que além de organizarem novas coleções, deveriam preservar os documentos com séculos de existência. As menores preocupações dos bibliotecários norte-americanos permitiram que se envolvessem muito mais com os serviços de referência, tornando essa atividade dinâmica e atraente para os usuários. Além do mais, enquanto nos Estados Unidos as bibliotecas especializadas podiam oferecer serviços comerciais e industriais, na Europa tais serviços deveriam ficar a cargo dos centros de documentação, uma vez que as bibliotecas precisavam dar conta do enorme volume de documentos centenários que expressavam valores

culturais e educacionais. Na Europa, portanto, cabia aos centros de documentação direcionar suas atenções à organização da informação técnico-científica para atender às necessidades do mundo cotidiano em torno das pesquisas acadêmicas, das atividades comerciais e industriais.

Em um artigo publicado em 1954, intitulado de *Bibliothécaires et documentalists*, Suzanne Briet se limitava a refletir sobre o papel dos profissionais que lidavam com a Documentação e com a Biblioteconomia. Buckland (2005) aponta que Suzanne Briet surpreendia por não encontrar distinções entre a Documentação e a Biblioteconomia, ao contrário disso, conseguia demonstrar as fortes aproximações entre as duas. Bibliotecários e documentalistas são diferentes apenas pela ênfase que dão aos documentos, os primeiros se preocupam em organizar coleções e desenvolver bibliografias, os segundos se preocupam em apresentar obras científicas aos grupos que se propuseram a servir. Ao minimizar as distinções entre bibliotecários e documentalistas, as análises de Suzanne Briet poderiam ter sido seguidas para evitar rupturas entre os profissionais da informação.

Escrito no ano em que se retirou do campo, este artigo pode ser visto como o canto do cisne para os profissionais. Se mais pessoas tivessem adotado as opiniões esclarecedoras de Briet os antagonismos entre "bibliotecários tradicionais" e "ciência da informação" nas décadas seguintes poderia ser evitado. (BUCKLAND, 2005, p.4, tradução nossa).

5 A SERVIÇO DA DOCUMENTAÇÃO

Em 1951, por meio de um texto denominado *Qu'est-ce que la Documentation?*, Suzanne Briet tentou definir a natureza da Documentação. No primeiro capítulo, o mais conhecido pelos interessados no movimento da Documentação, Suzanne Briet apresenta o documento como tendo uma forma material carregada com sentido de status de evidência. Nenhum objeto nasce com o status de documento em si mesmo, pois o aspecto valorativo somente se constituirá a *posteriori*. De acordo com a interpretação de Buckland (1995), o documento em Suzanne Briet é visto como o produto do processo de objetivação (valoração), num ato interpretativo e de atribuição de significados e sentidos. Assim, sob a influência dos aspectos subjetivos "condicionados" pelo contexto social e cultural, os sujeitos vivendo em sociedade acabam por receber a influência dos documentos tanto de forma passiva como ativa. Contudo, Buckland admite que as regras para se

compreender o documento em Suzanne Briet não são muito claras, deste modo, com o intuito de facilitar a compreensão, o pesquisador norte-americano indicou quatro pistas para a identificação de um documento na percepção da bibliotecária francesa: apenas os objetos físicos podem ser documentos; os objetos podem ser entendidos como evidência; os objetos precisam ser processados; o objeto é percebido como um documento.

Ainda na primeira parte do livro de Suzanne Briet, a confecção de documentos secundários também se apresenta como um tópico importante para a maior parte dos estudiosos do famoso texto produzido pela bibliotecária francesa. Documentalistas, mais do que organizadores e fornecedores de informação, deveriam ser vistos como produtores de fontes secundárias confeccionadas a partir de um interessante instrumental intelectual – descrição, indexação, resumos, análise etc. A *“Madame Documentation”* definia que a construção de documentos secundários era o verdadeiro "coração" da Documentação.

Na segunda parte, Suzanne Briet discorre sobre a profissão dos documentalistas, afirmando que há uma distinção nesses profissionais, mesmo que estejam ligados aos bibliotecários e aos arquivistas no que tange ao trabalho com os documentos. Por fim, na terceira parte, a francesa apresenta aos leitores uma síntese das discussões ocorridas na França em torno da Documentação. Levanta a questão da formação dos documentalistas e exalta a importância da pesquisa documental que deveria ser realizada em extrema colaboração dos profissionais com os pesquisadores.

Na visão de Buckland (2005), o trabalho mais conhecido de Suzanne Briet, representou um manifesto notável sobre a natureza da Documentação. A nova abordagem em torno do documento como possuidor de status de evidência desafiava a ortodoxia vigente da época. Procurando apresentar a importância do texto escrito por Briet, Buckland se expressa da seguinte forma:

Este panfleto pode parecer à primeira vista, entusiasticamente hiperbólico, mas continua a ser significativo, pois ainda é relevante para entender a natureza, o alcance e os impactos sociais dos documentos e da documentação. Sua perspectiva modernista, combinado com a semiótica, merece atenção, porque é diferente e oferece uma alternativa para a visão positivista científica que tem dominado a ciência da informação e que é cada vez mais questionada. (BUCKLAND, 2005, p.2, tradução nossa).

Ronald Day (2006) considera o principal texto de Suzanne Briet como uma importante fonte de reflexão crítica para os profissionais da informação. Para Day, numa época cada vez mais dominada pelos recursos digitais e pelos hipertextos, uma nova consciência dos problemas comuns compartilhados por arquivistas, museólogos, bibliotecários e cientistas da informação tem suscitado um novo interesse pelo trabalho de Suzanne Briet, uma vez que muitas das reflexões produzidas pela bibliotecária francesa assumem uma nova relevância. A Documentação, para Suzanne Briet, por ser portadora de relações indiciais, deveria ser identificada como um fenômeno científico, cultural e social. Sendo uma técnica científica, a Documentação nasceu para responder as necessidades típicas do século XX em torno da organização e recuperação de documentos. A bibliotecária francesa possuiu a sensibilidade de reconhecer que a Documentação, como toda a ciência, é processo de construção humana sujeito a fatores culturais, sociais e históricos que aparece com o propósito de oferecer respostas específicas a uma determinada problemática.

6 ÚLTIMOS ANOS

No ano de 1954, Suzanne Briet, após pedir a sua aposentadoria, escolheu por retirar-se de Paris. Decidiu retornar para a sua região de origem, Ardennes, escolhendo fixar residência na bucólica cidade *Saint-Lambert-et-Mont-de-Jeux*. Durante os anos em que esteve em Ardennes, Suzanne Briet passou a se dedicar ao ofício de historiadora escrevendo sobre a vida e a obra de Arthur Rimbaud, um jovem poeta de alma inquieta que viveu entre 1854 e 1891, sendo originário de Charleville, localizada na província de Ardennes. Suzanne Briet deixou o mundo em 1989, aos noventa e cinco anos de idade, de maneira muito silenciosa (FAYET-SCRIBE, 2012). De acordo com Buckland (2005), apesar de ter deixado uma quantidade considerável de escritos em torno das temáticas que envolviam a Biblioteconomia, a Documentação e a História, o interesse pela produção intelectual de Suzanne Briet somente recebeu alguma consideração após sua morte, durante a década de 1990.

Suzanne Briet representou o papel de renovação que a Biblioteca Nacional da França tanto necessitava para se tornar mais dinâmica na oferta de seus serviços.

Sua luta contra uma mentalidade erudita que caracterizava a instituição não foi uma tarefa simples. A preocupação de Suzanne Briet em tornar o serviço de referência mais dinâmico e prático para os usuários representou uma de suas primeiras lutas, da qual não abriu mão até o fim de sua carreira. Como apontamos anteriormente, o sucesso de Suzanne Briet não teria sentido sem o apoio que recebeu de seus superiores – primeiro Roland-Marcel, em seguida Julien Cain. A propósito, a primeira parte de “O que é Documentação?” foi exclusivamente dedicada a Julien Cain.

De acordo com Maack (2004), a abordagem teórica dada à Documentação por Suzanne Briet possui variações quando comparada com a construção do repositório bibliográfico universal imaginado por Paul Otlet e Henri La Fontaine. Suzanne Briet defendia que o desenvolvimento de redes de cooperação entre os diversos centros de documentação se apresentava como uma opção muito mais viável do que a concentração dos trabalhos em um único local. Os diversos centros de documentação deveriam se propor a compartilhar a produção de metainformações. Suzanne Briet também apresentava críticas ao uso de sistemas de classificações com pretensões enciclopédicas, como a CDU, em centros de documentação. As suas críticas se fundamentavam pelo fato de defender que cada centro de documentação, por vivenciarem realidades diversas, deveria ter a capacidade de construir seu próprio instrumento de classificação que levaria em conta os interesses específicos de seus usuários.

O trabalho de Suzanne Briet ultrapassou as fronteiras da França sendo reconhecido em várias partes do mundo por sua colaboração em organismos voltados para a atuação de bibliotecários e documentalistas. Atuou ativamente na Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA) e chegou a assumir a vice-presidência da Federação Internacional de Documentação (FID). Desenvolveu inúmeros trabalhos para a UNESCO. Foi escolhida por Julien Cain para organizar uma exposição na Biblioteca Nacional da França em homenagem ao centenário de Rimbaud. Talvez, o seu grande legado tenha sido a criação de um programa de treinamento para documentalistas. Com o apoio de Louis Ragey, chefe da *Conservatoire Nationale des Arts et Métiers*, Suzanne Briet e seus colegas do UFOD criaram um curso não oficial de documentação, uma ação pioneira que levou ao futuro *Institut National de Techniques de la Documentation*

(INTD), considerado a primeira escola oficial de documentação no mundo (MAACK, 2004, p.735).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Documentação apresentava-se, nos anos de intensa atividade de Suzanne Briet, como uma verdadeira ciência que expressava modernização e progresso por meio de suas práticas a favor da expansão do conhecimento técnico-científico. A trajetória de vida de Suzanne Briet foi nitidamente marcada pelas suas reflexões e ações que garantiriam um espaço para a Documentação e a subsequente legitimação social de seus profissionais. Justamente por estar inserida em um contexto histórico muito mais versátil e dinâmico, Suzanne Briet compreendeu que era necessário superar a concepção universalista e iluminista defendida por Paul Otlet em prol de uma concepção voltada para a cooperação entre os centros de documentação e uma atenção mais específica direcionada para as necessidades imediatas dos usuários.

A análise da trajetória de Suzanne Briet permite-nos inferir que a bibliotecária francesa, desde o início de sua atuação na Biblioteca Nacional da França, era uma autêntica documentalista. Pertencia a um seletivo grupo que desejava renovar a profissão de bibliotecário por meio da ampliação do conceito de documento indo além do livro para abarcar vários outros suportes. Suzanne Briet passou a valorizar a exploração da informação e os meios que permitiam alcançá-la como a indexação ou a classificação. A *Madame Documentation* buscou sempre adaptar o seu trabalho de bibliotecária às novas técnicas que emergiam como as fotocópias, os microfilmes, recortes de jornais, dentre outros, principalmente quando se considera que na França, diferente dos países anglo-saxões, essas inovações eram recebidas com mais frieza.

Num mundo cada vez mais envolto pelas tecnologias de informação, Suzanne Briet não possuía dúvidas quando ao futuro da Documentação. A bibliotecária francesa compreendia que o fortalecimento da Documentação atrelava-se ao desenvolvimento das novas tecnologias de informação. É possível afirmar que Suzanne Briet deu passos muito mais largos em favor da Documentação quando

comparada com as ações pioneiras de Paul Otlet. Enquanto Paul Otlet acreditava que o avanço das novas tecnologias poderia tornar em realidade seus ideais de centralização, Suzanne Briet imaginava que essas novas tecnologias poderiam combater a centralização em favor do ideal da cooperação por meio do intercâmbio de metainformações produzidas em cada centro de documentação.

A distância entre as décadas que separavam Suzanne Briet de Paul Otlet permitiram que a bibliotecária francesa visualizasse com mais concretude seu projeto. De fato, as décadas vividas por Suzanne Briet foram testemunhas da construção de uma diversidade tecnológica não imaginada durante os anos de Paul Otlet. Além do mais, a ação da UNESCO, criada após a Segunda Guerra Mundial, no estímulo à construção e ao desenvolvimento de bibliotecas e centros de documentação em diversos países, bem como o incentivo à cooperação entre instituições, representou um fator a mais em apoio à dedicação de Suzanne Briet em sua missão pela compreensão e propagação da Documentação.

REFERÊNCIAS

BRIET, Suzanne. **Qu'est-ce que la documentation?**. Paris: ÉDIT, 1951.

_____. **O que é documentação?** Trad. Maria Nazareth Fendt. Niterói: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social, 1970.

BUCKLAND, Michael. The centenary of Madame Documentation: Suzanne Briet, 1894-1989. **Journal of the American Society for Information Science Archive**, v. 46, n. 3, p. 235-237, abr. 1995.

_____. **A brief biography of Suzanne Renée Briet**. 2005. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/Brietaut2.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

DAY, Ronald. Totality and representation: a history of knowledge management through European documentation, critical modernity, and post-fordism. **Journal of American Society for Information Science (JASIS)**, v. 52, n. 9, p. 724-735, 2001. Disponível em: <<http://www.lisp.wayne.edu/~ai2398/kmasis.htm>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

_____. A necessity of our times: Documentation as cultural technique in What is Documentation? In: **What is Documentation?** English Translation of the Classic French Text. Transl. and ed. by Ronald E. Day and Laurent Martinet. Lanham, MD: Scarecrow Press, 2006.

FAYET-SCRIBE, Sylvie. Connaissez-vous Suzanne Briet ? **Bulletin des bibliothèques de France**, v. 57, n. 1, p. 40-44, janv. 2012. Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2012-01-0040-007>>. Acesso em: 11 jan.2018.

MAACK, Mary Niles. The Lady and the Antelope: Suzanne Briet's Contribution to the French Documentation Movement. **Library Trends**, v.52, n. 4, p. 719-747, 2004.

RAYWARD, William Boyd. When and why is a pioneer: history and heritage in Library and Information Science. **Library Trends**, v.52, n. 4, p.671–682, 2004.

SALDANHA, Gustavo Silva. O fabuloso antílope de Suzanne Briet: a análise e a crítica da análise neodocumentalista. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: <<http://www.enancib2012.icict.fiocruz.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

Artigo

Recebido

em:

29/07/2017

Aceito em:

14/12/2017